

História, Natureza e Cultura:

algumas perspectivas historiográficas recentes

Priscila Marchini Marins

Graduanda do Curso de História da
Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
Bolsista do PIBIC/ UNIOESTE/ PRPPG.

O presente texto faz parte do projeto de iniciação científica intitulado *Percepções do processo de ocupação territorial e de construção de espaços de moradia em Marechal Cândido Rondon (1950-1960): memória, cidade e meio ambiente*,¹ que propõe uma reflexão teórica, tendo como objetivo, apresentar possibilidade de estudo sobre história e meio ambiente, na História, através da análise de alguns trabalhos que têm se dedicado a esta temática.

Pensar historicamente a natureza é ponderar sobre uma variedade de atores sociais que nela habitaram ou por ela transitaram. Estudar a natureza é refletir sobre a sua apropriação pela ação humana, e ao mesmo tempo, como historicamente diferentes indivíduos e grupos sociais circularam e deixaram suas marcas específicas na natureza.

Nos últimos anos, tem aumentado o número de trabalhos de história sobre natureza e meio ambiente no Brasil. O conceito de História Ambiental é relativamente recente no país. Em termos internacionais, pelo menos desde a década de 1970, vários trabalhos vêm sendo desenvolvidos sob essa abordagem, por conta dos debates sobre as conseqüências da degradação ambiental, tais como, a expansão urbana para áreas não habitadas e o desmatamento. Este processo predatório que os homens iniciaram na natureza há muito tempo foi motivo para o surgimento do movimento ambiental e para uma conscientização ambiental por parte da população.

Deve-se frisar que o movimento ambientalista “rejeita a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, de que os humanos são uma espécie distinta e ‘supernatural’, de que as conseqüências ecológicas dos seus feitos passados podem ser ignoradas”.² O que se pode entender é que os ambientalistas discordam da idéia de que o homem não possui nenhuma relação com a natureza. Para eles, o meio influencia na formação do homem. O fato de ser uma espécie diferente de outro ser vivo, não o coloca fora dos meios naturais a que é submetido.

Entretanto, muitos segmentos da sociedade rejeitam a premissa de que o homem faz parte da natureza. A natureza foi vista por muito tempo como um meio do qual se pode extrair todos os seus recursos, como um meio a ser dominado, cujos recursos podem ser úteis para o homem. Conforme esta concepção, o homem era colocado acima da natureza, para estabelecer sua própria história.

Através da história, pode-se, contudo, entender como a natureza tem sido compreendida de maneira diferente, dependendo da época em estudo. O estudo da relação entre o homem e a natureza, deve levar em conta o contexto histórico e como esta relação é vista e vivida de maneira diferente por um indivíduo ou grupo, dependendo do contexto histórico e do lugar em que se habita.

No estudo sobre a natureza, a paisagem pode ser vista como documento histórico, pois através dela se pode perceber as modificações da natureza pelo homem, as mudanças ambientais, e também o papel do ambiente no desenvolvimento da sociedade e a relação desta com aquela.

Muitos foram os estudiosos que se destacaram ao estudo da natureza. O norte-americano Donald Worster, em seu artigo *Para fazer a História Ambiental*, faz uma breve apresentação sobre o surgimento da História Ambiental e a sua relação com a sociedade, numa perspectiva histórica. Ao analisar a relação homem/natureza, o autor afirma que “as idéias são socialmente construídas e, portanto, refletem a organização das sociedades”.³

Seu artigo é uma reconstituição histórica do surgimento da história da natureza. Para o autor, a relação entre produção humana e meio ambiente é lógica e reflexiva. As alterações que ocorrem no meio ambiente atingem diretamente o homem, tendo-se como exemplo a devastação. No processo de apropriação do meio ambiente, não se excluem os recursos naturais, que são explorados com intensidade e com frequência.

Rejeitando a história do meio ambiente como um modismo místico e provisório, o autor realiza uma pesquisa sobre o que foi recentemente organizado dentro desta temática específica de conhecimento, no interior das historiografias francesa e norte-americana.

A fusão da história e ecologia, isto é, a história ambiental, possui, segundo Donald Worster, três níveis de abordagens, embora estas constituam uma pesquisa única e ativa na qual natureza, organização social e econômica, pensamento e desejo são tratados como um todo. Os três níveis de abordagens para o autor são:

O entendimento de como a natureza se organizou e funcionou no passado; o domínio sócio-econômico interagindo com o ambiente, através do trabalho, ferramentas e relações sociais, pelas diversas formas em que povos produziram bens de seus recursos naturais; e as percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação, que em nível intelectual tornam-se parte do diálogo de indivíduo ou grupo com a natureza.⁴

O mesmo autor considera o meio ambiente como um conjunto de todos os elementos contidos em um espaço e que foram modificados pelas ações humanas. Em determinadas pesquisas, acentua o mesmo autor, existe uma ênfase mais profunda nos aspectos naturais e não nos aspectos sociais.

A ecologia, como ciência que estuda esse meio ambiente, tem como princípio que tudo está relacionado com tudo. No decorrer do século XX, a ecologia ampliou o seu campo de influência, não se restringindo somente ao campo das ciências naturais, mas envolvendo as ciências sociais, dando ênfase para o campo da História. Como o ecossistema compreende o mundo natural e o homem faz parte dele, pode-se concluir que, neste processo, o ecossistema é uma relação social, pois está ligado às ações humanas. A ecologia, quando enfatiza as relações estabelecidas entre o homem e a natureza, recebe a denominação de ecologia humana.

Pode-se explicar esta interação através do entendimento da complexidade dos sistemas naturais, que estão ligados às formas como a sociedade humana estabelece as suas relações e as suas formas de produção, diferenciadas historicamente.

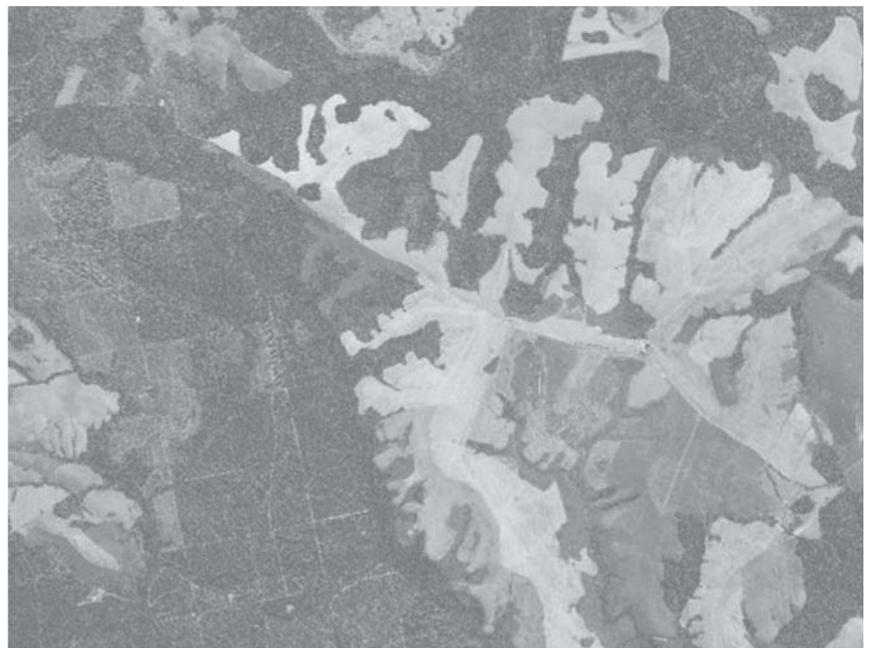
Outro pesquisador que domina a bibliografia neste campo da História é José Augusto Drummond, que diferentemente de Donald Worster que pensa a natureza a partir da relação entre a produção humana e o meio ambiente, José Augusto Drummond propõe colocar a história humana no contexto da natureza não-humana. Para ele, “um campo importante da história ambiental é o dos valores humanos atribuídos à natureza”.⁵ O que assemelha Donald Worster e José Augusto Drummond, é a preocupação que ambos têm em entender o sentido atribuído à natureza pelo homem, o que reflete na organização da sociedade. Ele mostra aos pesquisadores a questão ambiental antes que ela se transformasse em objeto de investigação independente, ou seja, objeto de pesquisa.

O artigo de José Drummond analisa as origens e a situação atual da história ambiental, tal como entendida nos Estados Unidos, caracterizando e discutindo pesquisas e textos produzidos pela história ambiental naquele país. Em particular, discute como outras disciplinas científicas estão relacionadas a esse novo campo e avalia como a história ambiental pode contribuir também para o entendimento da história e da sociedade brasileira. É visto na perspectiva de Donald Worster, sua preocupação está voltada para o entendimento da sociedade a partir da relação homem/natureza a partir das idéias socialmente construídas. Em seguida, oferece pequeno sumário dos principais livros sobre história ambiental publicados nos últimos vinte anos e menciona alguns escritores e ensaístas brasileiros da atualidade que, de diferentes formas, mostraram uma sensibilidade diante das alterações ambientais.

No Brasil, uma obra significativa é a do brasileiro norte-americano Warren Dean. Em seu trabalho sobre a devastação da Mata Atlântica no Brasil, intitulado *A Ferro e Fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica* faz uma discussão política sobre seu objeto de estudo e, nessa reflexão, fixa a profissão do historiador. Segundo ele, a América do Sul é “o campo de batalha mais recente para o historiador florestal, no qual todos os que tombaram ainda fazem insepultos e os vencedores ainda vagueiam por toda à parte, saqueando e incendiando o entulho”.⁶

Em sua obra, sintetiza de uma forma histórica e crítica inúmeros dados da evolução e destruição de uma área natural que cobria grande parte do território litorâneo brasileiro, conhecida como Mata Atlântica que, na época do “descobrimento” do Brasil, se distribuía desde o Estado do Rio Grande do Sul, seguindo as serras e os planaltos litorâneos, até o Rio Grande do Norte. Além da sua grande extensão territorial, a Mata Atlântica possuía a maior biodiversidade do mundo.

Devido aos problemas ambientais e da dificuldade de sua conservação, o autor mostra a importância para o historiador em estudar as questões ambientais, as quais ainda são consideradas por alguns como algo não relevante.



Percebe-se que, na sociedade em geral, persiste a idéia de que floresta é um lugar de refúgio, contrapondo-se à civilização. Em alguns trabalhos de história e outras áreas, a natureza só aparece quando se trata da ocupação dos espaços para a agricultura, por exemplo. Entendemos que a natureza, entretanto, não é algo anterior à cultura e isolada da história de cada indivíduo. É necessário que se perceba, nos trabalhos de história, as relações que os homens estabelecem com a natureza.

Hoje, num mundo urbano transformado pela ciência e pela técnica, pode-se verificar a sobrevivência de mitos que surgiram e persistem no cotidiano das pessoas. Esta é a abordagem de outros autores que diferem da perspectiva anterior. Diferente da perspectiva de Warren Dean, que se preocupa com a formação, a evolução e a destruição do meio ambiente, e não com a organização da sociedade, no livro *Paisagem e Memória*, Simon Schama promove uma abordagem que busca identificar a mitologia da natureza no Ocidente em suas várias manifestações. Com uma sabedoria impressionante, o autor faz uma análise detalhada e profunda das significações atribuídas à paisagem natural em diversas épocas e lugares, mostrando o que se conserva e o que se perde, na visão culturalmente herdada da natureza.

A perspectiva de Simon Schama se diferencia das anteriores. Para o autor, a natureza influencia a memória coletiva e o sentimento de identidade nacional ou regional. Não tem a preocupação de entender a organização da sociedade, mas discutir a relação entre a natureza e identidade nacional, demonstrando como a “floresta tornou-se símbolo, recurso, motivo e lugar da memória e da identidade de um povo”⁷. Particularmente, promove uma análise cultural das percepções e valores do ser humano sobre o mundo natural, levando em consideração a diversidade de culturas, com valores e percepções diferentes.

Um dos autores que tem trabalhado com o processo de ocupação territorial no interior do sul do Brasil, pensando a questão da natureza e que tem dialogado com a obra de Simon Schama, é Gilmar Arruda. Em sua pesquisa,⁸ desvenda a construção do imaginário sobre as relações entre as cidades e os sertões na sociedade brasileira dos fins do século XIX até as primeiras décadas do século XX. O espaço físico delimitado para a pesquisa envolve regiões do Estado de São Paulo e do Mato Grosso. Percebe o surgimento de novas sensibilidades no processo acelerado de concentração populacional e de urbanização. Ele se preocupa em mostrar o processo de urbanização vivenciado de modos diferentes por diversas pessoas.

Tanto Simon Schama quanto Gilmar Arruda, procuram entender a identidade nacional a partir de análise cultural. Para Gilmar Arruda, a transformação das paisagens e a construção e reelaboração de representações sobre estes territórios e populações, neste contexto, ocorreram sob uma imagem que valoriza a modernidade e a urbanidade. Gilmar Arruda possui a mesma preocupação de Donald Worster e José Augusto Drummond em entender a sociedade. Explica a sociedade brasileira dividindo o Brasil em espaços simbólicos dicotômicos: o espaço da cidade - pólo avançado da sociedade, e o espaço dos sertões - condenado pelo seu atraso e arcaísmo social, político e econômico. Para Gilmar Arruda, esta divisão atua com elementos simbólicos e se desdobra em outros pares de conceitos opostos: moderno/arcaico, civilizado/incivilizado e progresso/atraso.

O autor incorpora no seu artigo referências autobiográficas e familiares na elaboração de sua pesquisa, dando ênfase à de obras de história que fazem uso da memória individual e familiar, raras na historiografia brasileira. Oferece neste livro uma sustentação e legitimação teórica de seus procedimentos, discutindo, na parte inicial da sua obra autores que refletem sobre a questão da memória social e da história oral. Após observar os cuidados metodológicos, sua análise se enriquece com os depoimentos recolhidos de seus familiares, a partir de suas próprias lembranças pessoais.

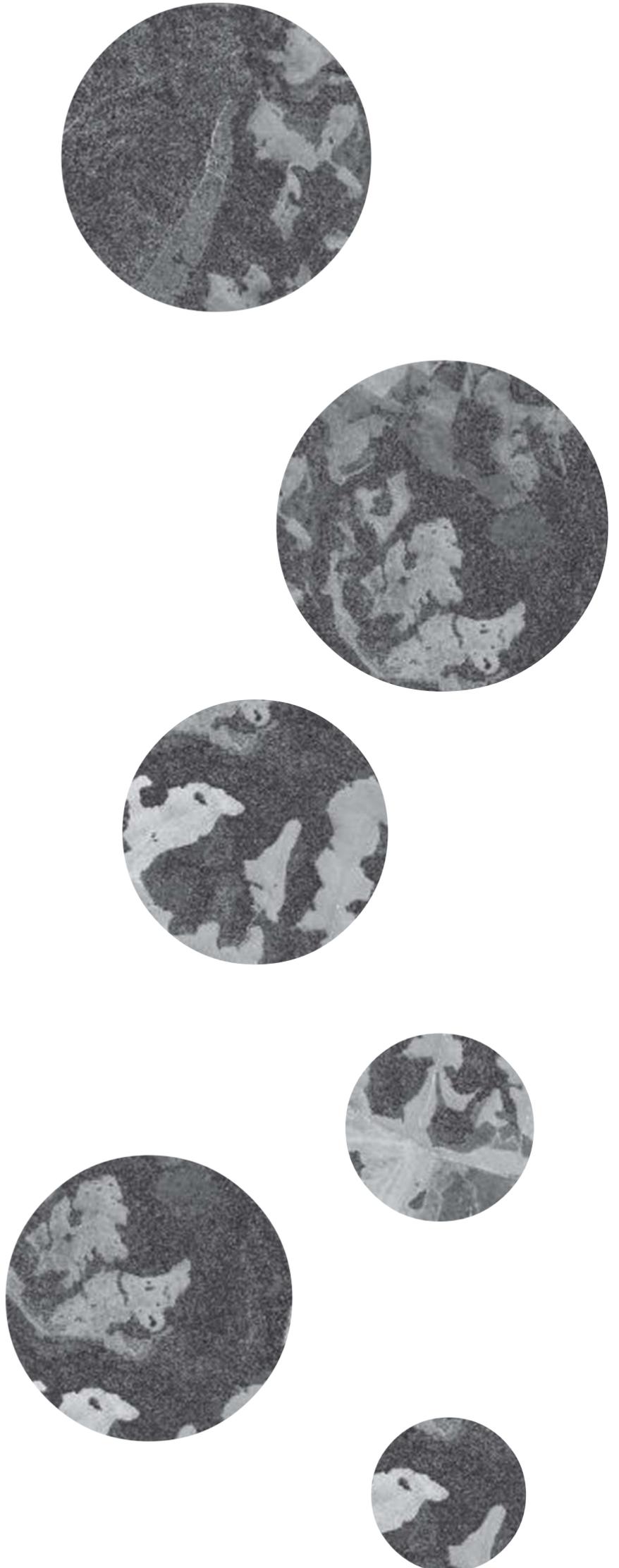
O autor avalia ainda os discursos e imagens produzidas por órgãos governamentais da época, assentados num suposto “conhecimento científico”, inserindo-os no âmbito dos estudos das representações culturais, que vêm merecendo estudos cada vez mais intensos por parte de historiadores.

Assim como Gilmar Arruda, Maria Lígia Prado aborda discursos sobre a natureza e suas relações com as construções das identidades nacionais. Em seu livro *América Latina no Século XIX: Tramas, Telas e Textos*, entre outros temas, a autora analisa imagens da natureza e sua relação com a construção de identidades nacionais na América Latina.

Maria Lígia Prado, no capítulo *Natureza e Identidade Nacional nas Américas*,⁹ mostra, com o recurso da história comparativa, como concepções semelhantes acerca da relação entre o homem e a natureza desembocam em projetos políticos diferenciados. Para explicar a identidade nacional, utiliza o mesmo método utilizado por Simon Schama, as imagens dos quadros. Os artistas norte-americanos da Escola do Rio Hudson realçaram a beleza dos elementos naturais, ajudando a formulação de um projeto otimista. No caso da produção artística argentina, esta não apresentou essa beleza natural e impulsionou projetos políticos opostos. As correspondentes representações redundaram em interpretações diversas sobre a sociedade: “enquanto o norte-americano retira desse encontro a esperança de um futuro radioso (...), o argentino entende esse contato como produtor do despotismo, da ausência da res publica e da transformação do gaúcho em bárbaro”.¹⁰

Esse texto defende que do mesmo modo que o imaginário pode transformar a sociedade, ele é capaz de produzir relações, modos de registro e memória, sendo que estas formas de registro são também transformadoras, o que contrapõe a Donald Worster por defender a organização da sociedade a partir das idéias socialmente construídas. Sob a ótica das representações sociais, tais registros não podem mais ser considerados como uma totalidade passível de leituras universalizantes; pelo contrário, devem ser entendidos na sua relação íntima com os elementos simbólicos da sociedade que os produziu.

Observando e analisando a nova perspectiva historiográfica, a historiadora Maria Lígia Prado afirma que a natureza “pode ser entendida como um objeto sobre o qual se elaboram representações que carregam visões de mundo e contribuem para a gestação de imagens e



idéias que vão compor repertórios diversos, entre eles, os constitutivos da identidade do território e da nação”.¹¹

É visto em comum entre Simon Schama, Maria Lígia Prado e Gilmar Arruda, a preocupação com a identidade, ao mesmo tempo, entender o sentido dado à natureza pelo homem. Preocupação esta vista na abordagem de Donald Worster e José Augusto Drummond.

A perspectiva historiográfica de Telmo Marcon se diferencia de todas as perspectivas historiográficas aqui apresentadas. O autor, para a realização de sua pesquisa, como relatado no artigo intitulado *Cultura e Natureza: Modos de Vida dos Caboclos do Goio-Em (SC)*, tem trabalhado com as relações homem-meio, cultura-natureza, modos de vida-espço, o que, segundo ele, “ajudaram a pensar o espaço como construção histórica”.¹² Sua pesquisa foi desenvolvida tendo como referência documental as fontes orais.

Ultimamente, muitos trabalhos de história mostram como a natureza foi sendo domesticada pela cultura, através da utilização da técnica. Como aborda Donald Worster em relação ao domínio socioeconômico que interage com o ambiente e, Gilmar Arruda que evidencia em seus trabalhos a “técnica vencendo a natureza”, que é “parte de uma transformação social, a sua crescente tecnificação advinda com a modernidade”.¹³

Evidencia a aplicação de tecnologias e a utilização de novas ferramentas no processo de devastação e também de exploração de novos recursos locais, devido à carência de recursos naturais que foram explorados ao longo dos anos, a partir do momento em que o homem começou a domesticar a natureza.

Para José Augusto Drummond, “a economia e a sociedade brasileira continuam a ser dependentes de recursos naturais”.¹⁴ Mas se o homem, por um lado, domina a natureza, por outro está longe de dominá-la totalmente.

É importante frisar que devido à ampliação dos objetos, problemas e abordagens, nos estudos históricos, também a história que trata da temática da natureza tem dialogado com outras disciplinas do conhecimento, como a Geografia, a Antropologia, a Psicologia, a Sociologia, entre outras. Em particular a Psicologia e a Antropologia tem muito a contribuir, na medida em que oferecem perspectivas e métodos importantes para estudar os “humanos e suas culturas mentais num único ecossistema”,¹⁵ devido às diversidades de percepções e visões sobre uma mesma realidade.

Na pesquisa de Iniciação Científica que se está realizando, pretende-se problematizar as relações entre natureza, sociedade e cultura. Esta pesquisa tem como possibilidade de abordagens, as perspectivas historiográficas de Gilmar Arruda e, em particular, de Telmo Marcon, por ter trabalhado com a natureza e cultura.

No caso de Telmo Marcon, auxiliará “a pensar nos vínculos entre os modos de vida e os espaço”,¹⁶ procurando entender as experiências vivenciadas dos migrantes em relação à natureza, dando destaque aos seus modos de vida em relação ao espaço, a partir de depoimentos orais.

O trabalho com a temática da natureza que se está realizando se baseia também no uso de fonte oral, procurando captar as percepções das pessoas com relação à natureza e na natureza, nos anos 1950, no município de Marechal Cândido Rondon - Paraná. Procura-se pesquisar as práticas de construção e de uso dos espaços, o relacionamento das pessoas com o espaço construído e a natureza. O uso de depoimentos se deve ao entendimento de que os sujeitos são os organizadores dos espaços. E os significados desse processo de ocupação e construção dos espaços, em meio à mata, são objeto de análise.

O uso de depoimentos se deve ao intuito de se “superar a dicotomia entre a subjetividade e a objetividade do conhecimento”, e, ao mesmo tempo, “alertar para os significados do espaço, dos costumes e das tradições para os sujeitos da pesquisa”.¹⁷ Através disso, pretende-se perceber as transformações na cidade de Marechal Cândido Rondon, entre os anos de 1950 a 1960, e as mudanças nas relações sociais e no espaço construído pelos migrantes. A relevância se dá por que tais transformações que se remetem no presente dão origem “a novas práticas as quais incorporam elementos do passado e das realidades presentes”.¹⁸

No que concerne à historiografia local, a pesquisa justifica-se pelo fato de que predomina uma visão sobre a História Regional que valoriza a transformação do Oeste paranaense em espaço “civilizado” e moderno, através da mecanização e introdução de técnicas de desmatamento e cultivo, transformação essa possibilitada pela incorporação de técnica. Ou seja, nestes trabalhos se valoriza o uso da técnica como forma de dominar a natureza e, conseqüentemente, modificar o espaço.

Visa contribuir no sentido de perceber como os sujeitos vão construir seus espaços de sobrevivência e como eles perceberam tais experiências de maneiras diferenciadas, pois cada indivíduo possui uma visão de mundo diferente de si, mesmo fazendo parte de um mesmo processo.

Pode-se concluir que a maneira como se percebe a natureza e como se lhe dá significado é também proveniente da cultura, cuja relação homem/natureza demonstra a diferente visão de utilização da natureza.

Recebido para publicação em dezembro de 2005.

Notas

¹ Pesquisa de Iniciação Científica orientada pela Prof^a Dra Méri Frotscher Kramer.

² WORSTER, Donald. Para fazer a História Ambiental. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991. p. 199.

³ Idem, p. 211.

⁴ Idem, p. 202.

⁵ DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991. p. 190.

⁶ DEAN, Warren. A Ferro e Fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. p. 23.

⁷ SCHAMA, Simon. Paisagem e Memória. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.85-129.

⁸ ARRUDA, Gilmar. Cidades e Sertões: O Historiador entre a História e a Memória. Projeto História. Cidade e Campo. São Paulo: Educ. Nº 19, Nov/99. p. 121-143.

⁹ PRADO, Maria Lígia Coelho. Natureza e Identidade Nacional nas Américas. In: América Latina no Século XIX: Tramas, Telas e Textos. São Paulo: Editora da USP, Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

¹⁰ Idem, p. 215.

¹¹ Idem, p. 180.

¹² Idem, p. 312.

¹³ ARRUDA, Gilmar. Fotografias de Cidades de Fronteira: avitória sobre a natureza. In: ARRUDA, Gilmar; TORRES, David V.; ZUPPA, Graciela (org). Natureza na América Latina: apropriações e representações. Londrina: Ed. UEL, 2001.p. 203.

¹⁴ DRUMMOND. Op. Cit. 1991, p. 195.

¹⁵ WORSTER. Op. Cit. p. 212.

¹⁶ MARCON, Telmo. Cultura e Natureza: modos de vida dos caboclos do Goio Em (SC). Projeto História: Programa de Pós- Graduação em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, nº 18, Maio/ 1999. p. 319-329. p. 319.

¹⁷ Idem, p. 322.

¹⁸ Idem, p. 329.